

Stadium

N.º 356
28 - Setembro - 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

BELICENSES-BENFICA — Uma homenagem às «reservas» dos clubes! E porque não? Os rapazes lutam igualmente com estoicismo e a melhor dedicação. Merecem os favores do público e da crítica. Nesta fase, nota-se mesmo certo movimento na luta — igual, até superior a muitas jogadas a que assistimos quando se exibem os grupos de honra. Intervenem: Frade, que cabeceia uma bola alta, perante a surpresa de Paulo



O BELENENSES

comemora 30 anos de vida desportiva

O engrandecimento do clube na opinião de Acácio Rosa
e as palavras de fé de Mário Duarte

TRINTA anos de actividade de um clube de desporto representa necessariamente uma parcela de tempo durante o qual muito se terá realizado em benefícios de vasto interesse para a cultura física e proveitosa divulgação da cultura física e do desporto.

A existência de uma colectividade impõe-se pelo que tenha feito como valorização do seu plano de trabalhos e engrandecimento da ideia que lhe deu vida, contribuindo com dedicação e reconhecido entusiasmo para a melhoria do grande ideal que envolve e torna forte a orientação desportiva. É o caso do Belenenses. Trinta anos dedicadíssimos à prática, propaganda e popularização do desporto. Deve-se ao Belenenses muito no desporto nacional. É inegável. Se o clube tem sempre tido — a sua base de vida num sentido baírrista, e nisso reside muito do seu valor e popularidade, nem por isso a sua importância desportiva se apoucou. É que o Belenenses mesmo sendo de Belém nunca deixou de ser de Lisboa e de elevar bem alto o seu nome no decorrer destes 30 anos de actividade, durante os quais tem conquistado o merecido prestígio pelo qual galhardamente tem lutado os seus atletas, os seus dirigentes, a sua massa associativa.

Estes três elementos, que constituem a vida de uma colectividade, têm dado ao Belenenses o valor, e o prestígio de que neste momento muito justamente se pode orgulhar.

* * *

O Belenenses comemorou o seu 30.º aniversário numa altura em que se debate com uma crise interna que muito embora afecte a sua situação financeira nem por isso toca profun-

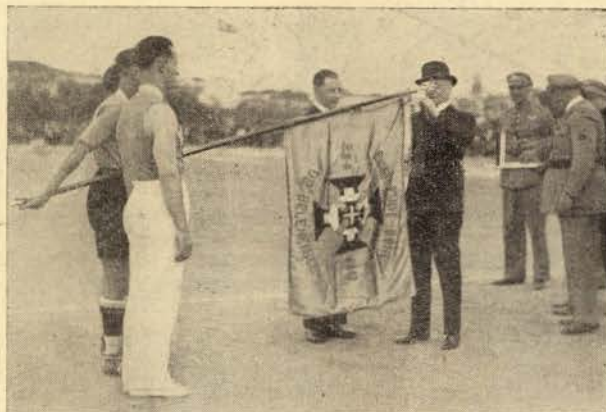
damente na vitalidade do clube. Pelo contrário. Em volta do Belenenses estabeleceu-se um círculo forte de dedicações e amizades para dominar com brio o momento menos afortunado. Todos nos dão mostras da persistência que lhe dará a vitória, bem impulsionados por Acácio Rosa,

culdades internas, que está o aumento da sua vitalidade e projecção desportiva.

E põe o problema com realidade:

— O problema é essencialmente este: precisamos de mais sócios.

A preparação de um futuro mais próspero exige uma massa associativa



Num aniversário do Belenenses — ainda era vivo o saudoso governador civil e presidente do clube, coronel João Luís de Moura — o sr. Presidente da Republica coloca na bandeira do Belenenses as insígnias da Comenda com que houve por bem distinguir um dos maiores clubes portugueses

que com a sua personalidade de dirigente dedicadíssimo ao clube, deixa transparecer claramente a fé e a confiança que deposita em todos quantos são do Belenenses, quando afirma:

— O clube tem de esforçar-se por se bastar a si próprio, porque é principalmente na solução das suas difi-

compatível com o nosso valor e mérito perante o desporto nacional.

— Ao atingir os seus 30 anos o Belenenses declara-se capacíssimo para vencer a sua crise. Decerto. Um clube como o Belenenses só pode dar exemplos firmes e a certeza de que, acima de tudo, tem de existir para o futuro

um Belenenses admirável de actividade e de valor na vida do desporto português.

Médite-se nestas palavras de Mário Duarte, uma das figuras de prestígio do desporto, um nome ligado aos 30 anos belenenses:

— O desporto é uma escola de lealdade. O convívio entre gente decidida e enérgica contribui para eliminar ou corrigir molezas de carácter.

E proclamando a sua fé clubista que é ao mesmo tempo uma indicação da certeza que tem em todos os belenenses:

— O nosso clube continuará a criar gerações de rapazes fortes e leais que possam ser úteis à Pátria e contribuam, ao mesmo tempo, para que figure sempre entre os primeiros de Portugal o «Clube de Futebol os Belenenses».

A grande força de vontade que todos quantos animaram a ideia da fundação do clube demonstraram desde o primeiro momento, prometendo a si próprios o êxito desejado, está patente no Belenenses de hoje — bela e valiosa afirmação a que ficaram ligados vinte e oito nomes — tantos foram os fundadores do Belenenses que na noite de 2 de Outubro de 1919, no Belem Clube, se reuniram em primeira assembleia geral: Artur José Pereira, Virgílio Paula, Mário Domingues da Fonseca, Luis Madeiros, Carlos Sobral, António Martins, António Bernardino da Costa, Marcelano Santos, José Nunes da Silva Sanchez, Vítor Bogalho, Francisco Pereira, Joaquim Dias, Vítor Simas, António dos Santos, Henrique Costa, Júlio Teixeira Gomes, Artur Ribeiro, Manuel Martins, Cristóvão Salreta, Francisco Nunes, José Pinho, Edmundo Campos, José Armando Candela, Hermenegildo Candela, José Salreta, António Franco, Goubert Dinis Pereira e Alfredo Santos.

FERNANDO SÁ

**OS MELHORAMENTOS
no campo da Arregaça
União, 5-Académico, O**

Para a inauguração dos melhoramentos introduzidos no antigo campo da Arregaça, em Coimbra, disputou-se no passado dia 18 um desafio de futebol entre a Académica e o União, que foi ganho por este último clube por 5 0, e não pela Académica, como por lapso informamos.

Ano VII — II Série — N.º 856
Lisboa, 25 de Setembro de 1949

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone: 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de

EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



Um team que fez carreira no Belenenses e que marca a transição do futebol antigo para o moderno. Na fotografia reconhecem-se várias glórias do Belenenses. Alguns destes jogadores já faleceram, infelizmente

O recorde do Pentatlo

e os Nacionais Corporativos

O Sport Lisboa e Benfica, continua muito habilmente aproveitando a boa forma de alguns dos seus atletas para, neste adormecido final de época, melhorar e conquistar alguns recordes nacionais.

Há dias, coube a vez a Matos

Fernandes para uma tentativa coroada de êxito contra a marca do pentatlo, 2754 pontos por Edgard Tamegão, em 1946; o mais completo atleta português já há mais tempo poderia ter-se apropriado do recorde, como o demonstraram os seus resultados do decatlo, mas conseguiu-o agora, alcançando 2927 pontos, correspondentes a 200 metros em 23,2 s.; lançamento do disco a 31,185 e do dardo a 44,60; salto em comprimento de 6,69; 1.500 metros em 4 m. 44,8 s.

O junior sportinguista João Antunes também tentou melhorar o recorde da sua categoria, mas não atingiu a pontuação necessária, fraquejando nos 1.500 metros finais.

Na jornada dos Campeonatos Regionais, no Estádio Nacional, a

F. N. A. T. promoveu os seus campeonatos nacionais da 3.ª categoria, que corresponde aos atletas que nunca tomaram parte em torneios oficiais clubistas, nem se classificaram nos primeiros lugares nas provas privativas do organismo.

O campeonato deste ano foi menos expressivo, porque a ele apenas concorreram os representantes de Lisboa, mas as provas decorreram com animação e os resultados foram, na generalidade, apreciáveis.

A destacar o tempo do vencedor do quilómetro (Vitor Ouro, 2 m. 54,5 s.), os 9,8 s. de Alberto Pinto nos 60 metros e os 6,07 em comprimento, por Francisco Navarro.

A luta pela vitória colectiva foi renhida ao ponto de só se decidir na última prova, a estafeta de 4x80 metros, cuja primeira classificação permitiu à Companhia Nacional de Navegação bater por dois pontos apenas o Banco Nacional Ultramarino. A chegada foi, no entanto, tão apertada que às duas equipas se atribuiu o mesmo tempo.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-G

Telef. 30078

LISBOA



A equipa da Companhia Nacional de Navegação, que com a sua vitória na estafeta 4x80 conquistou os pontos necessários para o seu triunfo na classificação final colectiva do torneio de 3.ªs categorias. Da esquerda para a direita — Alberto Pinto, Mário Ortiz, Paulo Pinto e António Silva



Grupo dos concorrentes dos campeonatos regionais de atletismo da F. N. A. T. (3.ªs categorias)

Os trinta anos do Belenenses

COMEMOROU na pretérita semana a passagem do seu trigésimo aniversário o Clube de Futebol «Os Belenenses». O facto não pode passar despercebido porque a colectividade se enobrece com tradições conquistadas pelos seus próprios méritos e adquiriu uma auroela de popularidade que a traz ao primeiro plano do historial desportivo português.

Agremiação nascida na essência para o futebol, como aliás tem sido de regra no meio nacional, o Belenenses prontamente enveredou pelo mais largo ecletismo e tem colhido bastos louros em quantas modalidades cultiva. Fortemente esteado no espírito baírrista, a sua irradiação transcendeu, porém, de tais limites e os adeptos, os simpatizantes encontram-se já hoje espalhados pelo País inteiro.

Com o andar dos anos em actividade progressiva, com o crescendo regular de classe e de expansão, avolumaram-se, também naturalmente, ao cabo de três dezenas de anos de fecunda existência, as responsabilidades do clube, os encargos morais dos seus dirigentes. Mas tudo vitoriosamente suportável com esforço solidário, fé e tenacidade.

As crises podem surgir, por vezes, transitórias, mas o organismo colectivo possui forças intrínsecas suficientes para as vencer; basta dar-lhes a importância que na realidade tenham e considerá-las como incidentes inevitáveis numa vida dependente de tantos factores e circunstâncias.

Todos os belenenses, nesta hora festiva, olhando para traz, se podem orgulhar do caminho percorrido; e, voltando a mirada para o futuro, encará-lo com confiança, que o passado avaliza e a vitalidade presente não deixa em dúvida.

ANDEBOL de sete

A Federação Portuguesa de Andebol tomou a feliz iniciativa de divulgar entre nós o andebol de sete e, com a colaboração do Dramático de Cascais, organizou nesta vila uma exibição em que participaram o Sporting e «Os Treze».

A nova modalidade, que no estrangeiro conhece enorme popularidade, possui os requisitos necessários para conquistar adeptos em Portugal; qualquer campo de basquete ou rectângulo de óquei em palins é suficiente para a sua prática e as regras são fáctimas de assimilação. O jogo desenvolve-se à base de rapidez e de desmarcações, de cujo ritmo não foi possível julgar com precisão nessas primeiras exibições, quer pela inexperiência dos praticantes, quer pela diferença de classe das equipas antagónicas.

A propaganda do andebol de sete jogadores não pode ficar por esta apresentação em Cascais, ante assistência escassa e puramente local. Parece-nos indispensável, com a colaboração dos mesmos e doutros clubes, organizar em Lisboa uma série de sessões, nos campos instalados nas próprias redes para captivar a massa associativa e, sendo possível, em conjunto com outras modalidades já enraizadas, como o basquete, o óquei patinado ou o voleibol.

Seria de grande vantagem espalhar pela província a prática do andebol de sete que poderia servir assim de introdutor em novos centros do grande andebol de onze.

Para vencer a campanha, porém, o indispensável é não parar; o ferro bala-se enquanto está quente e, por semelhança, será enquanto se fala do andebol de sete que se prosseguirá na sua divulgação. Sem perda de tempo, seguir com as apresentações em ritmo regular.

João Mário da Silva Jordão

o novo avançado dos «azuis», declarou-nos que sempre foi belenense

PROSSEGUINDO na recolha de confidências dos novos elementos recrutados pelos principais clubes da capital, durante o defeso, apresentamos hoje o «belenense» João Mário da Silva Jordão, que nasceu na vila do Barreiro em 5 de Maio de 1928, contando, portanto, 21 anos de idade.

Podemos incluí-lo no número das novas promessas do futebol português, com grandes possibilidades de firmar excelente posição, pois qualidades não lhe faltam, como provou de sobejo enquanto alinhou no Futebol Clube Barreirense, agremiação de onde veio transferido.

O jovem atleta deseja progredir e, para tanto, está disposto a seguir à risca os ensinamentos que lhe ministrarem, o que fará sem sacrifício, visto o futebol ser a modalidade da sua maior predilecção, embora já tenha praticado outra em desafios oficiais.

O encontro para esta troca de impressões verificou-se no préterito sábado, num café da cidade, enquanto na mesa vizinha da nossa um grupo de aficionados comentava, com vivacidade, o jogo Benfica-Sporting.

O nosso interlocutor exprime-se com facilidade e assimila facilmente as perguntas que lhe fazemos, decorrendo assim a conversa em tom despendido.

— Comecei a minha iniciação no futebol, disse-nos Jordão, treinando, sob as vistas do dr. Abrantes Mendes, no Grupo Desportivo da C. U. F., primeiro, e, depois, no Sporting Clube de Portugal, quando aquele senhor passou a treinar as turmas leoninas. Não participei em qualquer desafio, particular ou oficial, visto não ter assinado «ficha» por nenhum destes clubes, embora o primeiro tivesse tentado a minha inclusão na categoria «juniores». De resto não tinha a idade regulamentar.

— Digá-nos, Jordão, como entrou para o Barreirense?

— Sem qualquer motivo especial, respondeu. Em face da minha vocação para o futebol, depois de ter ensaiado a minha habilidade em Lisboa, comparei a uns treinos desse clube, onde alinhamos os meus tios Manuel, já falecido, e José, que ainda na época finda jogou. Como me tivessem perguntado se queria defender as cores do clube, respondi afirmativamente e disputei o campeonato dessa época, de 1945-1946. Findo ele, incluído na categoria de honra, defrontei o Vitória Futebol Clube, em Setúbal, num jogo amigável, para a disputa da taça «Associação de Socorros Mútuos», tendo o resultado sido um empate a duas bolas.

— Na temporada seguinte...

—...ingressei na turma principal e aí me conservei sempre, sem ter feito qualquer encontro em outra categoria.

Ao reparar na nossa surpresa, o ex-barreirense sorrindo, exclamou:

— Disse-lhe a verdade. Foi um salto brusco, mas fiquei contentíssimo. Jogo por gosto e sou metódico e cuidadoso com a minha preparação. Deito-me cedo, não fumo, só bebo vinho às horas das refeições, faço ginástica todos os dias, enfim, cuido de mim! Em meu entender, só assim é possível ser-se jogador, melhor dizendo: só mercê de uma rigorosa preparação física se pode praticar desporto conscientemente, aliando o brio pessoal ao dever de prestigiar a camisola do clube que se representa. Que saudades tenho do primeiro ano que joguei em juniores! Nessa época fiquei contente comigo pelo que fiz, foi uma temporada em cheio. Depois a de 1947-48, já na primeira categoria, também me satisfiz, mas não tanto.

— À que lugar joga? — Inquirimos.

A' meia ponta direita, embora esporadicamente já tenha desempenhado todos os lugares do compartimento dianteiro. Não estranho a mudança de lugar porque chuto com qualquer dos pés e... tenho engodo pela baliza. Quando atiro a contar, fico radiante...

— Já saiu do continente?

— Sim senhor. Foi à Madeira em Dezembro do ano passado. O Barreirense fez boa figura, pois empatou com o Nacional e perdeu com o Marítimo apenas por duas bolas, num jogo que não nos correu de feição.

— Quem foram os seus treinadores?

— Vários — ripostou-nos. Entre eles, distingo, em primeiro lugar, o dr. Abrantes Mendes, um bellissimo treinador e um bom amigo e, depois, Armando Ferreira e Quaresma. De todos, o primeiro é o meu preferido, não só pelo carinho que me dispensou, primeiro na Cuf e no Sporting quando lá fui a uns treinos, e, depois, no Barreirense, mas também pelo muito que com ele aprendi, por ser treinador competente e sabedor.

— Com vista ao Nacional da I Divisão, qual o clube que reputa em melhores condições de triunfar?

— Nesta altura, o Sporting. Mas, não hesito em dizer que o Benfica, «Os Belenenses», o Porto, ou qualquer outro clube da província, lhe podem amargar a carreira vitoriosa, num futuro próximo. Quando as outras equipas estiverem mais jogadas e os atletas tenham desentorpecido as pernas, então se verá...

Já que falámos de clubes, podemos falar de...

...jogadores — atalhou com vivacidade. Desde muito que admiro o Pascoal, Azevedo, Armando Ferreira, Quaresma, Amaro e Moreira, dos antigos. Dos modernos, Félix, Vasques, Gervásio e Ricardo. Estes dois, quanto a mim, são do melhor que há em médios de ataque. No lugar a que joga, a minha preferência e admiração, entre todos, vai para Armando Ferreira, pelo que lhe vi fazer há uns anos atrás.

Proseguindo, disse ainda:

— Tenho pena de que o avançado-centro n.º 1 abandone a bola no dia 5 de Outubro. É o melhor, sem hesitações, no seu lugar, do a quem doer. Quando era «castrato» não gostava dele porque muitas vezes o Barreirense estava a dominar e em condições de obter golos e ele, com uma ou duas fugas que eram outros tantos golos, resolvia a sorte do desafio.

Uma pausa para servir uns golos de café e acender um cigarro.

Depois a conversa derivou para o futebol actual e para o profissionalismo.

— Penso — começou Jordão — que o futebol actual é mais perfeito e revela melhoria em relação ao praticado antigamente. Mas o jogador português gosta de actuar sem penas, e, no sistema antigo, podia dar largas à sua fantasia. Daí o ser mais emotivo o futebol praticado antes do sistema de marcação ter sido implantado.

«Os bons valores actuais não abundam. Há quantos anos vemos as mesmas caras nas principais equipas... sem que tenham surgido novos que lhe façam sombra! Creio que a carência de valores se deve ao facto de não deixarem os miúdos brincar com a bola. Os campos de futebol deviam ser facultados à miudagem em dias determinados para que eles aí pudessem pontapear o esférico a seu belo prazer. Que pena os rectângulos de jogo não serem todos selvados... Acarinhem a miudagem, permitam-lhe o contacto com a bola e, os valores, a seu tempo aparecerão. No Barreiro, conhecido por «viveiro», começou a crise... porque os catraços já não podem jogar nos largos, nas terras, nas ruas...

— Quanto ao profissionalismo...

—...Aprovo-o, mas apenas enquanto o jogador alinhar. Por exemplo: até aos 20 anos, o atleta exerceria a sua actividade profissional, isto é, seria serralheiro, operário, motorista, empregado de escritório, conforme as suas habilitações, por forma a que, cessada a actividade futebolística, pudesse continuar a trabalhar no seu mister. O futebol seria um emprego que começaria aos 20 anos e findaria com o último jogo oficial! Depois, iria novamente trabalhar na ocupação que já exercera, até passar a profissional da bola.

— Recordações?

— A melhor, o desafio em que o Barreirense derrotou o Portimonense em sua casa, por 1-0, no Nacional da II Divisão. Grande jogo. A mais triste, a derrota que a Cuf do Barreiro nos impôs, marcando o golo no último minuto.

Jordão ainda versou outros assuntos, como o do comportamento do público perante os jogadores e o desamparo destes perante os clubes, por carência de uma organização que defenda os seus interesses neste regime de semi-profissionalismo. Falta-



JORDÃO

nos o espaço para reproduzirmos o que nos disse.

— Como veio para «Os Belenenses»?

— Devido à prestação do serviço militar obrigatório. Estava em Vendas Novas. Como vim transferido para uma unidade de Lisboa, acedi com muito gosto, por simpatia espontânea desde miúdo, pelo clube da cruz de Cristo, a quem vou servir com todo o entusiasmo e espírito de sacrifício. Estou contente com os meus camaradas. O ambiente belenense é óptimo. Alinharei amanhã, nas reservas, contra o Benfica, para... experimentar, pois pouco tenho treinado.

— Para os srs. Acácio Rosa e Rómulo Trindade vai o meu grande reconhecimento pela forma trabalhosa e honesta como trataram os meus assuntos — declarou-nos depois.

— Quanto ao Barreirense — que me diz?

— Que saí com a mesma espontaneidade com que entrei. Desejo-lhe as maiores felicidades, porque bem as merece.

As declarações produzidas agradaram-nos pela forma pronta das respostas e pelo equilíbrio revelado.

Para finalizar, perguntámos: Pensa em ser «internacional»?

— Quem sabe! Num clube como «Os Belenenses», grande e prestigioso, onde os cuidados técnicos não faltam, desde que não perca a confiança que em mim tenho e trabalhe com «gana», talvez que um dia lá chegue.

PITTA CASTELEJO

No próximo número
Diógenes
fala à «Stadium»

Cerca de mil jogadores

representando 82 clubes

vão disputar os Campeonatos Nacionais de Futebol da 1.ª e 2.ª Divisões



Taça Monumental «O Século»

O futebol—o popularíssimo e apaixonante futebol—vai retomar a sua grande actividade interessando centenas de praticantes, prendendo a atenção de milhares de pessoas. E' o grande momento do futebol português — o Campeonato Nacional.

Do próximo dia 9 de Outubro em diante cerca de mil jogadores entrarão na disputa dos dois campeonatos, o da 1.ª e da 2.ª divisões. Durante os tantos domingos que não-de ser preenchidos com estes jogos o acontecimento n.º 1 desses dias será o futebol, e, mesmo que caso transigente apareça a interessar a multidão nalgum desses domingos, ainda mesmo assim o futebol não abdicará uma laçquinha que seja da sua importância, arrecadando para si o maior quinhão de curiosidade e interesse. Depois a expectativa dos jogos — característica alicante esta do imprevisível de um jogo de futebol.

Finalmente, vamos ver jogar à bola! A exclamação sai sincera, pronunciada por aquele senhor circunspecto que tem lugar certo na bancada central e com alegria pelo rapaz do peão. Todas as camadas sociais em volta do rectângulo do jogo, misturando-se sem quaisquer peias, vivendo felizes no mesmo entusiasmo pelo jogo da bola. Isto consegue-o o futebol — o desporto — numa afirmação eloquente do seu poder admirável de unir o povo.

Depois de estudada e ponderada a orientação a seguir tudo está pronto para o começo do campeonato. Cerca de mil jogadores entrarão em actividade nos jogos de 1.ª e 2.ª divisões, só contando com as categorias de honra.

Todo o País, de Norte a Sul, terá os seus representantes nos dois grandes torneios.

Na 1.ª divisão o campeonato

será disputado por 14 clubes. Oito Associações de Futebol têm na prova os seus representantes.

A. F. de Braga: Sporting Clube de Braga e Vitória Sport Clube. *A. F. de Castelo Branco:* Sporting Clube da Covilhã. *A. F. de Coimbra:* Associação Académica. *A. F. de Faro:* Lusitano F. C. e Sporting Clube Olhanense. *A. F. de Lisboa:* Atlético Clube de Portugal, C. F. «Os Belenenses», G. D. Estoril Praia, S. L. Benfica e Sporting C. P. *A. F. de Portalegre:* «O Elvas». *A. F. do Porto:* F. C. do Porto. *A. F. de Setúbal:* Vitória F. C..

Não contando com as necessárias substituições e modificações que se hão-de operar nos teams no decorrer do torneio, teremos nesta prova 154 jogadores, indicados para disputarem os 26 encontros do torneio. Claro que raros serão os que estarão em jogo nesses 26 jogos chegando ao fim com a sua comparação consecutiva. No entanto pode ser que haja algum herói...

A 2.ª divisão movimenta muitos mais jogadores. A sua acção futebolista estende-se mais pelo País. São 68 clubes pertencendo a 16 Associações de Futebol de: Braga (6 clubes), Vila Real (2 clubes), Porto (6 clubes), Aveiro (4 clubes), Guarda (2 clubes), Viseu (4 clubes), Castelo Branco (2 clubes), Coimbra (4 clubes), Santarém (4 clubes), Leiria (2 clubes), Setúbal (8 clubes), Évora (4 clubes), Portalegre (4 clubes), Beja (3 clubes), Faro (5 clubes).

Estes grupos formam as 8 séries em que foi dividido o torneio correspondendo aos dois grupos Norte e Sul, os quais foram subdivididos em 4 zonas, comportando cada uma delas duas séries.

Teremos portanto em jogo, domingo a domingo, 748 jogadores. E' a prova da grande propaganda do futebol através do país. Depois teremos ainda os jogos da 3.ª divisão.

Enfim, no próximo dia 9 de Outubro, às 15 horas vão dar-se os primeiros pontapés nas bolas dos 41 jogos, tantos são os encontros que comportam os dois torneios que a Federação de Futebol mais uma vez organiza, e com o qual tem como principal objectivo fomentar ao máximo o desenvolvimento do desporto que orienta. Este objectivo será por certo conseguido.

O campeonato da 1.ª divisão terá este ano a disputa de um trofeu valiosíssimo, a Taça Monumental «O Século».

O trofeu é uma obra prima de ciselagem. Mede cerca de 1m,40 de altura e pesa umas dezenas de quilos. Na base, em pau santo, ornamentada a prata, vê-se a figura da Glória, também em prata, tendo na mão direita uma coroa de louros. Na mão esquerda será colocado o emblema do clube ao qual for atribuída definitivamente.

A taça, lavrada com magníficas figuras alegóricas do futebol,

assenta sobre quatro colunas gregas, também em prata.

O regulamento institui que o trofeu será conferido pela primeira vez ao vencedor do Campeonato Nacional da I Divisão de 1949/1950, que é o primeiro ano da sua disputa.

A Taça Monumental «O Século» passará à posse definitiva do clube que for vencedor três vezes consecutivas ou cinco vezes alternadas do Campeonato Nacional da I Divisão.

Pela segunda vez aquele prestigioso órgão da imprensa portuguesa oferece ao futebol um prémio, porque continua fiel ao seu propósito de se interessar, no mais alto grau, por tudo quanto pode contribuir para a elevação moral e física do povo português.

«O Século», a quem se deve algumas das mais importantes iniciativas desportivas, acarinha mais uma vez o desporto, cumprindo-se assim o prometido pelo seu ilustre director sr. João Pereira da Rosa.

FRNANDO SA

FUTEBOL

Torneio de Preparação

Classificação geral

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting.....	4	4	—	—	15	1
Benfica.....	4	2	1	1	9	3
Oriental.....	4	2	1	1	9	3
Atlético.....	4	1	2	1	7	6
Estoril.....	4	1	—	3	5	11
Belenenses....	4	—	—	4	1	10



Já chegou o futebol! O «defeso» aguçou mais o apetite, os olhos estão ávidos de presenciar as fases emotivas do jogo da bola. No último domingo choveu, mas os que vão à bola lá estiveram. Nas Salésias colhemos este aspecto curioso...

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castellejo

(Continuação)

Da algeibra de cada um dos componentes do grupo — quantos não se formaram e delixaram de existir, no meio de enorme alarido, quanto a incompreensão reinava no seio daquelas cabeças juvenis — saía um «quantum» para a sua aquisição.

E as pobrezitas das bolas, amarelinhas, muito bonitas, tinham vida efémera, porque a «mudagem» não as poupava, zurrindo-as sem piedade!

A iniciação de Fernando começava idêntica à de tantos outros, ia a dizer à de todos os atletas praticantes da modalidade desportiva que goza do maior favor do público.

No seu foro íntimo, em cada ano que passava, mais se radicava a certeza de que viria a ser um jogador da bola, um dominador do esférico, cumprindo assim a promessa que tantas vezes a si próprio fizera!

Os irmãos continuavam no Sporting e, por afinidade nata, o mais novo começou a ser, sem qualquer pressão ou conselho, também «leão», defendendo por palavras e actos, quando preciso, o clube em que voluntariamente se arremetera pelo coração.

No entanto, teria então doze anos, surgiu um facto imprevisto, que fez com que o anelo do pequeno sportinguista — vir a pertencer, um dia, à equipa onde seus irmãos alinhavam, — soffesse rude golpe.

Por razões que o rolar dos anos fez esquecer, os seis Peyroteos zangaram-se com a direcção do Sporting e deixaram de prestar o seu concurso à equipa principal. Elementos de comprovado mérito, outras portas se abriram com júbilo para os receber, residindo a dificuldade apenas na escolha.

Enquanto o Sporting se via a braços com o grande problema da sua substituição, o Ginásio Clube da Torre do Tombo e o Royal Atlético Clube festejavam ruidosamente a entrada nas suas fileiras dos ex-jogadores da equipa leonina.

Fiel ao seu ideal, Fernando não deixou de ser sportinguista, alegrando-se com as vitórias dos verde-branco e sofrendo, com eles, os seus desaires.

Mas a incompreensão dos homens, a paixão fanática e o despeito que toilda, momentaneamente, o raciocínio aos cérebros mais equilibrados, fizeram desabar sobre a cabeça do jovem «leão» uma saravada de apóstrofes injustas que muito o magoaram e lhe abriram os olhos, pela vez primeira, para as realidades crueis da vida.

Habitado como estava a deslocar-se à sede, de tal não se inibiu em data posterior à da saída dos seus irmãos e, confiadamente, ingressou na mesma sem qualquer entrave, quedando-se como de costume a ver os bilharistas entregues ao seu entretenimento favorito.

Alheado por completo ao que se passava à sua volta, atenção concentrada aos desenhos geométricos que as bolas de marfim deixavam nas suas caprichosas trajectórias, foi de súbito chamado à realidade quando sentiu pressão num ombro e ouviu uma voz rispida, a do director de serviço, exclamar:

— Que fazes aqui?

Fitando o seu interlocutor, com o ar mais natural, respondeu-lhe:

— O mesmo que das outras vezes. Distraio-me vendo o jogo.

Colérico, enquanto lhe segurava um braço, o director do Sporting continuou:

— Vai-te embora. Desaparece-me da vista. Nunca mais cá voltas. Vai passar o tempo para os clubes onde estão os teus irmãos...

Ante tão inesperada e incompreensível atitude, Fernando dirigiu-se para a saída com passo vagaroso, seguido de perto por aquele que acabava de lhe vedar a entrada. Parando a certa altura, fitou-o corajosamente e com a sua vozita meiga, mas onde as inflexões de uma firme decisão eram notórias, asseverou-lhe:

— O senhor hoje não precisa de mim e manda-me embora. Fique sabendo que ainda um dia me há-de pedir para eu voltar. Nessa ocasião serei eu que não hei-de querer. Sou sportinguista e continuarei a sê-lo, não se esqueça, mas injustiças não as tolero nem admito.

Assim se desvaneceu o sonho fugaz que o acalentava: vestir a camisola dos «leões» de Moçâmedes!

O jeito revelado por Fernando, não só em futebol, como em outras modalidades, merecia ser aperfeiçoado devidamente e sem demora para evitar a estagnação.

III

Dos 12 aos 15 anos, permaneceu no Atlético Clube de Moçâmedes. Foi para lá levado por esse grande desportista de nome Angelo de Mendonça, que mais tarde passou pelo Ginásio Clube Português, onde também a sua notável acção de dirigente e educador se fizeram sentir.

Angelo, sabedor do mau acolhimento dispensado ao pequeno, no Sporting, e conhecedor da sua notável habilidade, convidou-o a praticar ginástica no seu clube, convite este prontamente aceite.

Entregue a tão proficiente professor, Fernando começou a sua preparação atlética, com entusiasmo, frequentando com assiduidade as aulas de ginástica.

— Vais fazendo um pouco de tudo — basquetebol, remo, natação, atletismo —, mas nada de bola a sério — disse-lhe Angelo de Mendonça, dias após.

«Tens muito tempo para isso. Primeiro porque és muito novinho e segundo porque só poderás ser bom futebolista se estiveres bem preparado fisicamente.

— Entrego-me nas suas mãos e seguirei os seus conselhos — respondeu o mais novo dos Peyroteos.

Prometeu e cumpriu.

Durante estes três anos, jogou basquetebol, calçou algumas vezes as luvas de boxe, participou em torneios de natação, foi integrado em equipas de remo, correu várias distâncias, saltou em altura e comprimento e levantou pesos e alteres.

Começara a sua notoriedade, iniciara-se a carreira de um campeão, em modalidades diferentes daquela que, mais tarde, maior fama lhe havia de trazer.

Foi o vencedor absoluto, em natação, dos 100 metros-livres, conseguindo excelentes classificações em outras distâncias e em estilos; foi campeão de remo, em 1.000 metros, como componente de uma tripulação homogénea que, atendendo à idade dos praticantes, fez «furor» nesse tempo; correu e saltou, com tempos e marcas apreciáveis; distinguiu-se como basquetista e chegou a levantar pesos demasiados, para a sua idade, no «arraché» a dois braços, em virtude da sua bela preparação atlética e ao jeito nato.



Em Angola, Peyroteo também gostava de passar a cavalo

Em ginástica foi monitor da sua classe e apontado como exemplo de perseverança e de aplicação aos seus companheiros!

Contacto com a bola teve-a é certo, mas sem continuidade, durante os dois primeiros anos. Participou em vários encontros, daqueles que são frequentes entre a rapaziada, aproveitando o ensejo para dar largas à sua impetuosidade e ao engodo pela baliza, atirando sempre que podia, de todas as formas e posições.

Entretanto, os irmãos, findo o mal-entendido ou cessado a desavença que os afastara do Sporting, regressaram ao lar leonino, tempos depois, continuando a sua carreira por pouco tempo mais.

Apesar de insistentemente assediado para que ingressasse no clube dos «leões», uma vez que o «mau tempo já passara», Fernando, embora sportinguista por convicção, declinou o convite com obstinada firmeza, mesmo a seu irmão Mário, então director; fiel à declaração de que haveria de chegar a altura em que lhe pediriam para voltar e ele não aquiesceria.

No último ano do período consagrado à sua preparação, portanto dos 14 para os 15 anos, participou pela primeira vez em jogos oficiais do campeonato local, integrado no lugar de interior-direito da categoria reserva do Atlético.

Do que foi a sua acção não vale apenas extrair em pormenores narrando as suas actua-

Pense nas vantagens que a **BIRO MINOR** lhe proporcionará

A Biro Minor — o membro mais novo da família Biro — mantém a popularidade na sua utilização dentro de casa.

Agora, a Biro Minor foi modificada de maneira a poder-se substituir-lhe a bomba para tinta de qualquer das cores Biro — vermelho, verde, azul e preto-azulado. Outro aperfeiçoamento, é a junção de uma cabeça exterior de protecção que permite transportá-la com segurança para toda a parte.

Como a célebre caneta Biro, as novas Biro Minors e as bombas sobresalentes vendem-se em toda a parte com tinta apropriada às condições climáticas do país.

Biro Minor



A Biro e a Biro Minor satisfazem
todas as necessidades de quem
precisa de escrever

Distribuidor para Portugal: António Campos-Trav. Nova de S. Domingos, 9 - 1.ª - Lisboa



O Outono chegou! No Tejo disputam-se as últimas regatas. As velas brancas destes airoso «snipes» passam pelo enfiamento para iniciar mais uma prova no nosso formoso rio

ções cheias de brilho. Basta que se diga que com 14 anos, jogando numa categoria inferior e logo no primeiro ano da sua carreira, teve a honra de ser escolhido para a selecção de Moçâmedes que defrontava, nessa época, a de Huila!

Quantos jogadores se podem ufanar de tal proeza?

Nesse memorável encontro, é curioso assinalar, foram os irmãos, não só os que já haviam arrumado as botas tendo cessado a sua carreira no Sporting, mas ainda um outro, o Júlio, dois anos mais velho do que o Fernando e que jogava também na equipa dos «leões» — só Fernando fugiu à tradição — que acorreram ao campo para ver actuar o irmão mais novo.

Os sete, agrupados na bancada, deram largas ruidosamente à satisfação de que se achavam possuídos, ao verem cumprida, de forma tão convincente, a promessa feita anos atrás pelo benjamim da família: *Hei-de ser também um jogador como vocês!*

Fixado na equipa de honra do Atlético, deu-lhe o melhor da sua dedicação e do seu entusiasmo, muito contribuindo o seu fácil e poderoso remate para decidir, a favor do clube que representava, muitas vitórias consideradas quase impossíveis.

A selecção de Moçâmedes encontrara em Fernando o meia-direita ideal para actuar ao lado do extraordinário avançado-centro Teimo Vaz Pereira, considerado pela crítica, nessa altura, como um dos mais completos e dos melhores jogadores da colónia de Angola, naquele lugar.

IV

Em 1935, passou a frequentar o Liceu Diogo Cão, em Sá da Bandeira, fazendo imediatamente parte da equipa académica que estava fillada na Associação de Futebol local e disputava o campeonato oficial.

Antes, porém, fez um jogo particular pelo Desportivo de Huila a cujos destinos presidia

seu irmão Alvaro, funcionário superior do Banco de Angola.

Envergando a camisola da equipa académica, contribuiu notavelmente para que a «briosa» liceal avertisse no seu historial desportivo o título de campeão.

Apazado o desafio habitual entre as equipas das cidades de Moçâmedes e de Huila, encontro este que se revestia de características semelhantes, quanto a rivalidade e paixão dos aficionados, a um Portugal-Espanha, o nome de Fernando Peyroteo foi indicado para alinhar a interior-direito, aliás o lugar a que normalmente jogava na equipa académica ou a avançado-centro.

Dividiram-se as opiniões quanto à vantagem da sua inclusão e estabeleceram-se duas grandes correntes, uma apoiando a escolha e outra contrariando-a, não porque o valor do candidato pudesse ser posto em dúvida, mas sim, porque tendo sido criado em Moçâmedes e alinhado por várias vezes na sua equipa representativa, actuaria em manifesta inferioridade moral ao defrontar os seus antigos companheiros, além de que, ainda para mais, seu irmão Júlio estaria presente à extrema-esquerda e tal facto o deveria impressionar.

Orientava a campanha adversa o redactor desportivo do «Provincia de Huila», sr. Oliveira, que encheu colunas e colunas do jornal, mantendo o seu ponto de vista.

O incidente foi mais tarde sanado devido à intervenção do sr. capitão Pais, presidente da Associação de Futebol de Huila, que conhecia as qualidades de carácter e o apuro moral de Fernando, seu aluno de ciências no Liceu onde exercia o magistério, e tomou energicamente o partido daqueles que apoiavam a sua inclusão.

Certo da resposta que o jogador, melhor dizendo, que o seu aluno lhe daria, procurou-o e expôs-lhe francamente o assunto, solicitando-lhe emitisse uma opinião desassombrada e sincera.

Sem hesitar, Fernando respondeu desta forma:

— Pode estar certo senhor capitão de que, quando envergo uma camisola, seja ela qual for, a defendo e prestigio com toda a minha decidida vontade e espírito de sacrifício!

No dia do encontro, com o rectângulo completamente cheio, no centro da linha atacante lá estava Fernando.

A certa altura, o árbitro castigou com uma grande penalidade a equipa moçâmedense. E' indicado para a marcar... o avançado-centro.

No campo o silêncio é absoluto. A expectativa enorme. Que se irá passar?

Fernando, com um pontapé seco, atirou fora do alcance do guardião contrário, marcando o primeiro golo da sua equipa.

Ouviu-se uma grande ovação e milhares de corações bateram mais rápidos, mais confiantes!

A dúvida enervante passou.

O jogo prosseguiu com clara ascendência dos adversários.

Num choque, o defesa direito de Huila, Domingos Parente um dos melhores jogadores em luta e um «mião» de primeira categoria, magoou-se e abandonou o terreno, sendo o seu lugar ocupado por Fernando, que passaria a «segurar» o seu irmão Júlio.

Actuando a um lugar de recurso, não se impressionou a jogar tudo por tudo, tendo merecido da crítica a classificação de o melhor dos 22, mereço do seu apego e combatividade. Entre os que, depois, renderam homenagem ao seu desportivismo, contava-se o redactor do «Provincia de Huila».

Os prêmios sucederam-se e o valor do jovem jogador firmou-se cada vez mais, alcançou popularidade e entrou nos domínios da idolatria do público da bola.

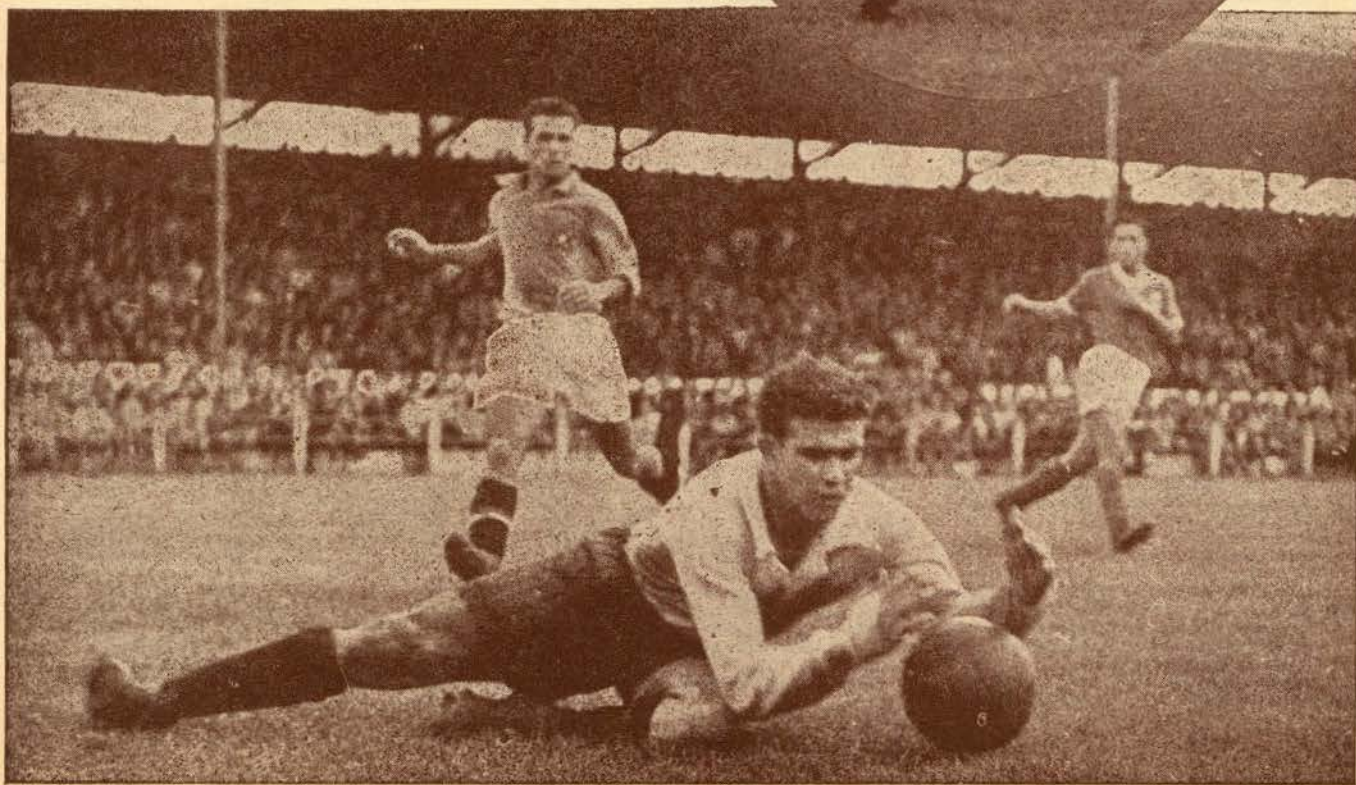
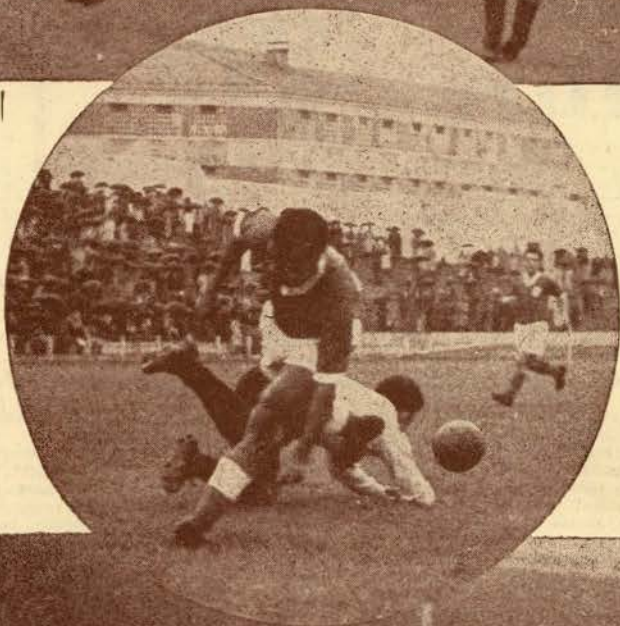
Para se aquilatar da perfeita noção que os Peyroteos sempre tiveram do desporto, não podemos deixar de contar um incidente verificado durante um desafio travado entre o Desportivo de Huila e a equipa académica do Liceu de Diogo Cão.

(Continua)



Belenenses, 1-Benfica, 3

Sobre as redes do grupo de camisola azul desenvolveram-se algumas jogadas bem difíceis. A defesa do grupo vencido, porém, fez o possível por impor algum respeito aos encarnados, o que em parte conseguiu. Aqui se demonstra a afirmação: em cima, uma defesa segura de Caelano, a remate de Arsénio. Moura sorri... No disco, Melão salta por cima de Caelano, que se lhe atira aos pés; e na última foto, mais um mergulho decidido do jovem guarda-redes belenense



AO SPORTING

JÁ NADA DE MAU APARECERÁ NA "TAÇA DE PREPARAÇÃO"...

DOS 3 jogos marcados para domingo safu um vencedor absoluto: — o Sporting Clube de Portugal. Também ganhou o Benfica por 3 a 1 ao Belenenses; também o Oriental triunfou por 4-2, contra o Estoril. Mas a vitória do Sporting, por 2-1, frente ao valoroso Atlético — matou» todas as aspirações dos candidatos à «Taça». Esta tem já o seu dono, seja qual for o movimento da próxima jornada.

No último domingo, quase todos os desafios despertaram o interesse público, e havia motivo para isso. O Atlético podia ser e foi mesmo um excelente adversário para o Sporting. O Belenenses também se mostrou mais aguerrido contra o Benfica. E o Oriental fez acreditar no seu valor — submetendo um Estoril demasiadamente desfalcado. Logo, embora a chuva estragasse bastante os desafios, todos os resultados foram normais e todos os encontros decorreram de molde a louvar o bom empenho dos jogadores.

O jogo que mais poderia interessar para a «Taça» era o Sporting-Atlético. Se os alcantarenenses triunfassem...

Mas a boa estrela leonina não o permitiu. Marcando o golo vitorioso a 30 segundos do fim, a equipa dos campeões nacionais vê agora facilitada a sua tarefa no campo do Estoril. Verifica-se, pelo próprio resultado e pela simples notícia de não haver aparecido a vitória nos derradeiros momentos, que o Atlético possui equipa esperançosa, muito capaz de fazer a vida dura a qualquer. Na frente do Sporting, os alcantarenenses impuseram durante largo tempo a ideia de um empate, e era precisamente este o resultado que toda a crítica queria sem relutância.

A formação leonina não pôde agradar neste jogo. Verdadeiramente, só Manuel Marques se iniciou como bom elemento de principio a fim, brincando a espaços um ou outro colega. Rola também continuou a dar-nos provas de ser bom — posto que mal adaptado ainda.

Quanto ao Atlético — aguarde-se a sua tarefa nos próximos jogos. A equipa conta com boa defesa, médios esforçados, ataque habilidoso e remador. Aqui, uma referência especial para Ben David, elemento de provocar muitas atenções...

Em Belem, o grupo da casa marcou o primeiro golo desta época. Já é motivo para festa. Mas também se deve dizer que o grupo azul não se «entregou» ao Benfica, lutando com ele denodadamente, e mais a mais desfalcado de 3 homens de categoria: Feliciano, Serafim e Sérgio, todos internacionais.

A vitória, entretanto, assenta melhor ao grupo de camisola encarnada. Outra organização. Outro poder ofensivo e defensivo, embora também não tivesse Félix no terreno. O Benfica ganhou o jogo porque entrou para ele com a ideia de ser mais forte. Ao Belenenses aconteceu por certo o contrário. A equipa sente ainda não possuir «alturas» e deixou-se dominar por esse pensamento. Mas em verdade — o seu comportamento deixa alguma esperança no espirito dos adeptos, e oxalá tudo continue a correr-lhe na medida dos seus desejos.

Sobre o Benfica, deve dizer-se que terá equipa para atravessar o próximo grande torneio com algumas possibilidades. Anda por certo em experiências, pois no domingo voltaram Júlio e Melão a equipa. Estreou ainda uma defesa central que promete... Rogério actuou a extremo-esquerdo... Bem: os encarnados trabalham com dedicação.

Em Marvila, o Oriental ganhou a um grupo que foi seu grande rival. Mas este, o Estoril, não se fez no terreno a sua melhor equipa. Surgem algumas dificuldades no seu meio, como se sabe, e se não forem eliminadas pode dar-se um colapso perigoso.

No presente, ou melhor, no seu último jogo, deixou-se dominar e... vencer. Sem apelo nem gravidade. Entretanto, o Oriental deixou a melhor impressão na sua assistência, como aos técnicos que se deslocaram para Marvila. Estará ali a equipa? Szabo o dirá. Este homem sabe do seu officio, é um trabalhador incansável, honesto, e os orientistas já parecem outros...

RODRIGUES TELES



Sporting, 2 Atlético, 1

DE CIMA PARA BAIXO — Sempre o estilo de Peyroteo a imprimir ao jogo uma vibração e um entusiasmo que o público admira e aplaude! Veríssimo mostra-se interessado no lance, e Baptista procura evilar que a bola caminhe para a baliza... — Uma defesa oportuna de Ernesto! Peyroteo carrega-o na altura própria, enquanto Armindo e Vasques esperam que a bola venha a seus pés... — O guarda-redes alcantarense Ernesto teve bom trabalho no desafio contra o Sporting. Eis uma bola alta que segura com agiltude. Armindo e Peyroteo, entretanto, «comem-na» com os olhos

Stadium

na capital do Norte

João de Brito

A fim de serem indicados dirigentes para a Federação de Futebol, tem-se efectuado várias reuniões entre elementos afectos às Associações nortenhas. Dissemos em tempos que Alberto Brito ocuparia a vice-presidência da Direcção, e embora surgisse um desmentido ao que escrevemos, confirmaram-se em absoluto as nossas informações. Alberto Brito, de facto um homem apumado, sem qualquer mancha na sua carreira de desportista e de dirigente, obteve o justo aplauso de quantos pensaram em entregar nas melhores mãos a representação da A. F. do Porto.

Julga-se por cá, entretanto, que o Porto perderá um lugar que há 25 anos consecutivos tem no Conselho Técnico da Federação. Ao dar-se isso, teremos de lamentar o facto. João de Brito, sabedor das leis desportivas, nortenho indiscutível, embora vivendo na Capital, não merece com certeza que esqueçam a sua actividade e o seu zelo.

A Associação de Aveiro, ligada ao Porto nesta indicação, desejou fazer-se representar por Tavares da Silva, insistindo, mesmo, perante a sua recusa terminante. O dr. Tavares da Silva, porém, foi o primeiro a reconhecer em João de Brito todas as qualidades necessárias ao bom desempenho do lugar. Ainda não há muito tempo, quando seleccionador nacional, Tavares da Silva apressou-se a escolher João de Brito para acompanhar a equipa B. a Bordeaux. Isto revela que o conhecido técnico e nosso querido camarada lhe prestou justiça, então como ainda hoje, afirmando a Aveiro, seu distrito, que não lhe agradava colocar-se num lugar bem ocupado.

Disseram-nos que outros nomes surgem, também no Porto, a querer ocupar o posto de João de Brito. Se assim é, lamentamos que se esqueça tão depressa o esforço delicado e persistente de um elemento que Tavares da Silva, com a sua atitude muito digna, considera unidade capaz de prestigiar um Conselho Técnico como o da Federação de Futebol.

Rebeldias e castigos

O ambiente portuense tem sido notavelmente fustigado por uma série de atitudes que estabeleceram forte indisposição nas fileiras do seu primeiro clube. É certo que os ares se apressam agora menos turbos, pois a rebeldia parece quase extinta. Mas os efeitos morais da oposição posta por vários elementos deixaram com certeza as suas marcas, que já se não podem admitir presentemente, e daí o desgosto justamente sentido nesta capital nortenha.

Mas ainda estava latente o conflito, se assim pode dizer-se, e já outro parece em curso. Agora entre o F. C. do Porto e Fernando Moreira. Os campeões portuenses suspenderam o seu primeiro corredor, sem olhar para trás, com uma decisão que faz prova absoluta do seu gosto pela disciplina, bom desejo de trazer a casa arrumada.

Vê-se que o popular e eclético organismo desportivo portuense não está disposto a consentir falhas de respeito, venham de onde vierem. Fernando é inegavelmente um bom campeão, senhor de uma popularidade grande em todo o Norte, com certeza em todo o País. Não deve porém esquecer-se que o facto de representar um clube como o F. C. do Porto lhe aumenta consideravelmente.

Julgamos que a carreira de Fernando Moreira pode ser muito prejudicada com qualquer atitude ofensiva para a camisola que sempre vestiu. Os portuenses não esqueceram finalmente um despropósito, e os ídolos tombam muitas vezes por falta de ambiente, por lhe desaparecer de um momento para o outro o calor sincero do meio onde vivem.

Somos amigos e admiradores de Fernando Moreira. Mas... sempre lhe diremos que os campeões, tendo uma responsabilidade maior, têm obrigações que não podem deixar de cumprir perante o público e perante o seu clube. E de duas uma: ou abandonam o desporto de competição, ou revelam-se dentro dele pessoas sensatas e cumpridoras. Os campeões valorizam-se assim. É preciso ser campeão e demonstrar que o título assenta bem no seu corpo, despindo vaidades desnecessárias, dando provas de saber conduzir-se até nas emergências mais sérias.

No caso presente, Fernando Moreira deve ter esquecido que a sua grande popularidade está igualmente ligada à indiscutível categoria do seu clube. Não pertence a ele só. Dedique-se o F. C. do Porto, por exemplo, a criar outros ídolos, e veremos imediatamente quem tem razão. De resto, não terá o primeiro clube do Norte satisfeito muitos ansiosos de Fernando Moreira, prestando-lhe assistência completa e inteligente, prestigiando-lhe o nome, amparando-o nas provas que pretendia ganhar?

Pode Fernando Moreira não necessitar do ciclismo para nada. Se assim é, todos o lamentam, mas nem por isso deixaremos de assistir a boas corridas, na estrada e na pista, e sempre praticadas com entusiasmo e por muitos atletas. O Mundo não pára, embora se julgue que tal acontece quando a vaidade humana procura elevar-se até grandes alturas.

Veremos o que vai passar-se. Entretanto, os amadores da velocipédia, tanto na força do público como na dos concorrentes, continuarão a manifestar-se. Este incidente não levará por certo o F. C. do Porto a abandonar o seu velho posto de combatente, pois a expansão segura da modalidade deve-lhe muito. Aos atletas, também, na verdade, mas ao clube — nem se fala. Bastará para isso passar em revista o seu trabalho nos últimos anos. Isto é indelmentel!

CURIOSIDADES...

Curiosa a atitude do ciclista Dias dos Santos, vencedor da «Volta a Portugal» em bicicleta. Convidado a correr em Paris, Dias dos Santos verificou que a sua forma não era famosa. Na contingência de representar mal o seu clube e o seu País, Dias dos Santos declinou o convite. Acha-mos que fez bem.

«Numa loja se põe o ramo; noutra se vende o vinho»... Esperava-se que o Boavista sentisse dificuldades na formação da sua equipa. Mas as dificuldades trans-

feriram-se todas para os lados mais altos da cidade...

❖ Não se sabe nada quanto à situação de Onofre Tavares. O F. C. do Porto, pelo menos, ainda não reclamou.

❖ O Académico recebeu vários reforços. Não há ases — mas há valores. Oxalá o clube do Lima possa interessar-se a valer.

❖ Diz-se que o F. C. do Porto receberá dois jogadores de Lourenço Marques. Não se pode confirmar esta afirmação. Talvez seja puro boato. Agora de Luanda...

MOSAICOS nortenhos...

OS JOGADORES DO F. C. P. DE NOVO COM A EQUIPA

A pouco e pouco, os jogadores do F. C. do Porto vão assinando as suas fichas, ligando-se aos compromissos. Na altura em que escrevemos — tudo está arrumado! As pretensões de vários elementos do quadro de honra do F. C. do Porto foram indeferidas...

Deve entretanto dizer-se que algumas «exigências» não passavam de simples reajustamentos de casos pendentes, como o de Gastão, que pretende resolver um problema ligado a certo depósito de 40 contos numa caixa hospitalar desta cidade. Gastão, todavia, já assinou a ficha, no seu regresso de uma viagem ao Sul. E o F. C. do Porto vai interessar-se pelo «seu caso» — o que é justo.

Logo, a despeito das últimas notícias, tudo acabou em boa paz.

UM GRANDE JOGADOR NO CAMPEÃO NORTENHO?

Quando o leitor tiver os olhos postos nesta secção, de alguma coisa se saberá. Ou daqueles de se lhe tirar o chapéu, ou o assunto ficou prejudicado, e — adeus jogador!

Poderíamos levantar uma pöninha do véu. Mas não nos cabe o direito de desmanchar as negociações em curso, pois nunca foi nosso costume perturbar a acção dos dirigentes. Diremos apenas, portanto, que a equipa dos titulares portuenses poderá contar com um elemento de forte categoria se as negociações em curso chegarem a bom termo. Prometemos dizer alguma coisa, pouca — mas no próximo número...

O QUE SE PASSA COM O BRASILEIRO DA SILVA

O brasileiro Da Silva, que ficou célebre pelas suas exigências — exigências e excentricidades, no F. C. do Porto — pretende alinhar pelo Botafogo, do Rio de Janeiro. Este clube e a Confederação Brasileira dos Desportos dirigiram-se já aos campeões nortenhos — que responderão dever Silva a quantia de 150 contos, visto não haver cumprido os contratos a que se obrigara.

Calculamos que o popular clube do Rio pretenda assegurar a colaboração de Silva. E que o F. C. do Porto consiga a indemnização a que tem direito.

A resposta ao comunicado «portista» é aguardada esta semana. Se não for aceitável, não poderá jogar!

VALMITJANA SEGUIRÁ PARA MADRID. E F. MOREIRA?

O Argentino Jorge Valmitjana, um rapaz simpático e dedicado, vai seguir ou já seguiu para Madrid, visto ter terminado a sua missão na cidade do Porto. Pretende praticar agora ciclismo em Espanha, onde tem família.

Valmitjana, muito justamente, deixou saudades entre a massa simpaticante do F. C. do Porto. Entretanto, fala-se de Fernando Moreira, suspenso pelo seu clube. Diz-se por cá que a pena aplicada será revista, garantindo-se que o valeroso velocipedista não tem toda a culpa. Lemos, mesmo, que se fará um inquérito dentro do próprio campeão nortenho.

Será assim? Nós, que conhecemos suficientemente o meio, esperamos mais uns dias. Alguma coisa vai passar-se...

Os corredores de barreiras

na época de 1949



O capitão Correia Barrento no «Raso»

HIPISMO

O cavalo «Raso»

foi o maior ganhador da época fazendo alarde das suas magníficas qualidades de saltador

COM as últimas provas disputadas em Cascais, terminou, praticamente, a época. É natural que, se o Verão se prolongar, ainda se pense na organização de quaisquer festivais, mas isso não impede que se saiba já qual foi o cavalo mais classificado do ano. A margem que o separa dos restantes é grande, não sendo já possível o seu afastamento do lugar. Haja o que houver, ganhe quem ganhar, o título de primeiro premiado da época está já atribuído ao cavalo «Raso», que, este ano, voltou a fazer alarde das suas extraordinárias qualidades de saltador.

Depois de uma temporada brilhante, igual a algumas outras anteriormente registadas, o «Raso» voltou a ocupar o lugar de vanguarda, que já lhe pertencera nos anos de 1942, 1943, 1945 e 1946.

Pela quinta vez em nove anos de acção o vemos figurar à frente da lista de vencedores, não acusando ainda o peso dos seus 14 anos de idade.

Contribuíram para a boa posição que acaba de alcançar as classificações obtidas, com o capitão Henrique Calado, em Paris e Madrid, e, com o capitão Correia Barrento, em Mafra, Lisboa, Caldas, Cascais e Sintra, principalmente nesta última localidade, onde triunfou em três das quatro provas em que foi inscrito.

Na época que findou, o «Raso» foi vencedor de seis provas: «Prix Bois de Boulogne» (equipas) no Concurso de Paris; «Assuntos Exteriores», no certame de Madrid — ambas montado pelo capitão Calado; — «Taça Carlos Abrantes» (equipas) em Mafra; «Omnium», «Estrangeiros» e «Grande Prémio», em Sintra — conduzido pelo capitão Barrento.

O número de vitórias que obteve, desde o seu debut, é de 37 (uma com Machado Faria, duas com Guedes de Campos, outras tantas com Henrique Calado e trinta e duas com Correia Barrento) e o número total de prémios ganhos é de 167, entre os quais figuram 30 segundas classificações.

Quando no ano anterior se notou no «Raso» um abaixamento de forma, o facto atribuiu-se à aproximação da curva descendente. Porém, esta época a sua acção fez afastar essa hipótese. O seu galope largo e característico voltou a ser o mesmo, a sua facilidade de salto voltou a impor-se — numa palavra: o seu valor continua a evidenciar-se e a não deixar dúvidas a ninguém.

O «Raso» — o nosso mais conhecido e popular cavalo de obstáculos — que fez em Sintra um concurso inteiro só com um derrube, e este mesmo provocado pelos espectadores que romperam numa prolongada ovação antes da prova terminar — está em plena forma.

Só assim se justifica a sua posição de melhor premiado do ano, à frente de todos os «ases» e de alguns considerados «vedetas», pela sua categoria e fama internacional.

Continua a justificar-se plenamente a simpatia do público pelo magnífico argentino demonstrada em toda a parte e muito em especial em Cascais, onde tem recebido as mais fortes e espontâneas ovações.

O «Raso» ganhou já prémios pecuniários que atingem uma verba superior a 120 contos, o que o coloca entre os nós num nível mercadário superior a qualquer outro cavalo de obstáculos.

ANTAS TEIXEIRA

Melhores resultados durante a temporada:

110 m. Barreiras: Ricardo Durão (C. M.), 15,6 s.; Luís Alcide (Bf.), 15,9 s.; Matos Fernandes (Bf.), 16 s.; Mário Lourenço (Bf.), 16,2 s.; Natal dos Santos (Bf.), 16,3 s.; Carlos Cunha (Sp.), 16,6 s.; José Cameira (Sp.), e Velosa (Bf.), 16,8 s.; Carlos Oliveira (INEF), 16,9 s.; Glória Alves (Bf.), 17,5 s.

400 m. Barreiras: Matos Fernandes (Bf.), 56,1 s.; João Luís (Sp.), 59,2 s.; Natal Santos (Bf.), 59,3 s.; Carlos Oliveira (INEF), 60,6 s.; Manuel Coelho (Sp.), 62,4 s.; Carvalho (Bl.), 63,3 s.; Fel.º Guerreiro (Sp.), 63,8 s.

300 m. Barreiras (juniores): João Luís (Sp.), 42,5 s.; M. Lourenço (Bf.), 42,7 s.; F. Guerreiro (Sp.), 43 s.; E. Lopes (Ac.), 43,6 s. A. Silva (Bf.), 44,5 s.; D. Queirós (Sp.), 44,7 s.; Mário Jorge (Bf.), 44,9 s.

O ano foi francamente favorável aos especialistas de barreiras, pois nunca tantas e tão prometedoras revelações saíram da mesma temporada; mais do que pelos resultados da própria época, devemos mostrar-nos satisfeitos pelo que eles nos prometem para os anos a seguir.

A renovação foi quase total, sobretudo nos 110 metros, onde dos consagrados apenas Alcide se manteve a competir entre os melhores; Ferreira abandonou a especialidade, Martins Vieira e Glória Alves, que reapareceu apenas — por certo — para uma satisfação pessoal, desempenharam modesto papel de utilidades para conquista dos últimos pontos, e Carlos Oliveira perdeu a forma depois dos universitários.

O melhor corredor de 1949 foi Ricardo Durão, que melhorou bastante na passagem do obstáculo, mas precisa de corrigir, aumentando-a, a amplitude da passada, para conseguir novo recorde, que merece. Os seus três passos intermediários estão mal calculados para os treze metros que separam os obstáculos, de maneira que o ataque da barreira é feito cada vez mais distante e difícil nas duas últimas, com frequência derubadas.

Natal Santos não progrediu apreciavelmente; falta-lhe velocidade para atingir a casa dos quinze segundos; parece-nos de temperamento impressionável e pouco decidido.

Falemos agora dos iniciados do ano; nos aspirantes apareceu um rapaz com carradas de habilidade: Miguel Sacadura. Embora nos principiantes se deixasse apagar, continuamos a considerá-lo valor fortemente positivo.

Nos principiantes e juniores destacaram-se o benfiquista Lourenço, o «menino da Luz» Gomes Marques e os sportingistas Cunha, Cameira, Queirós e Pignatelli.

Lourenço, com maior prática das pistas, foi aquele que mais se distinguiu, mas quem nos deixou a impressão de melhor talhado para a especialidade foi Carlos Cunha. Que excelente barreira ali está, se trabalhar com insistência e afinco!

José Cameira também pode melhorar, porque é de todos o mais rápido, mas é o menos favorecido pela estatura.

Nos 400 metros a penúria é maior — temos ainda um grande número um, que é Matos Fernandes, mas os números dois fazem uma considerável diferença de valor. Dos já conhecidos, Natal dos Santos e Carlos Oliveira — no entanto, estreante na modalidade — foram os únicos a manter-se em actividade regular.

A introdução dos 300 metros barreiras nos torneios de juniores foi uma acertada medida, que já permitiu recrutar novos adeptos, em reforço da diximada falange existente. João Luís foi o melhor dos novos e tem classe para acentuar progressos, assim como o portuense Eugénio Lopes, Feliciano Guerreiro e Artur Silva.

Não entro em conta com Mário Lourenço, para quem julgo, por enquanto, a distância exagerada e ao qual me parece preferível a especialização nos 110 metros.

SALAZAR CARREIRA

Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte



A equipa do Batalhão de Sapadores Bombeiros que correu a estafeta 4x300, em 2 m., 52 s. e 6/10. Da esquerda para a direita: António Castanho, Manuel Morgado, Amaral Nabais e Manuel Cordeiro

Os Nacionais da F.N.A.T. e algumas considerações a propósito

OS campeonatos nacionais dos trabalhadores, organizados, sábado e domingo, no Estádio Nacional pela F. N. A. T., decorreram com grande animação e pena foi que a chuva viesse prejudicar a sequência normal do Torneio.

Devido ao mau tempo, ficaram três concursos por realizar, mas no conjunto do concluído a superioridade geral lisboense é manifesta.

Os representantes de Lisboa ganharam todas as provas da 1.ª categoria, o que não pode



A equipa da Companhia Nacional de Navegação que disputou a estafeta 4x1000, no tempo de 12 m., 56 s. e 6/10. Da esquerda para a direita: José Pereira, Mário Ortiz, Fernando Figueira e José H. Pereira



Matos Fernandes, da Empresa Geral de Transportes, foi o atleta mais em evidência nos campeonatos nacionais da F. N. A. T. Na prova de lançamento do disco a sua marca foi de 35^m, 21

admirar; na 2.ª categoria venceram apenas o dardo e duas estafetas; na 3.ª categoria alcançaram os títulos nos 1.000 e 3.000 metros, nos dois lançamentos e três estafetas.

As restantes provas foram ganhas: duas por Braga, duas por Leiria e quatro pelo Porto. Concorreram ainda representantes de Coimbra e Setúbal.

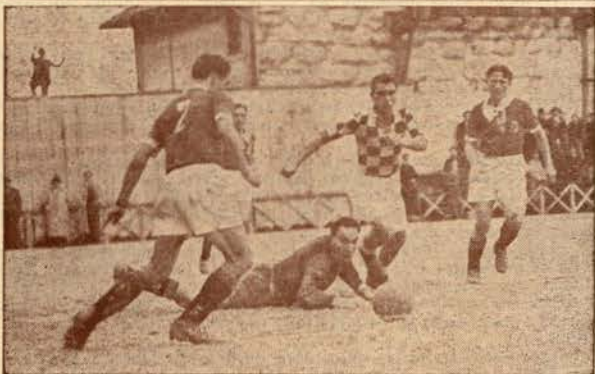
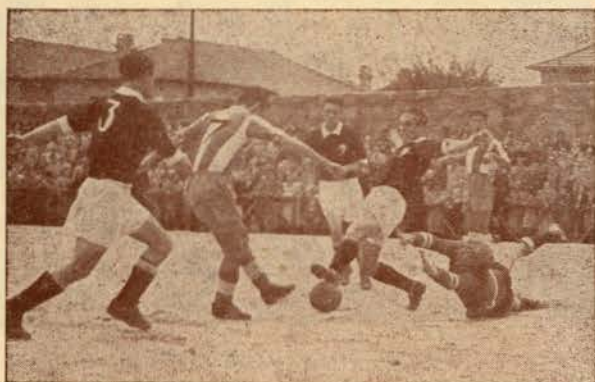
Assim, o mais notável deste torneio é a presença de atletas de seis distritos, ao passo que nos campeonatos federativos a luta se circunscreveu este ano aos filiados de Lisboa e a um representante da Associação Académica de Coimbra.

Parece-nos que a Federação Portuguesa de Atletismo deveria considerar este exemplo e aproveitar a existência de núcleos praticantes para conseguir o interesse dos clubes e a fundação de associações regionais. Coimbra já possui uma pista; Leiria e Braga, em breve terão as suas e há que pensar em aproveitá-las para a expansão da modalidade.

Como já dissemos, a chuva prejudicou bastante os resultados, mas mesmo assim algumas marcas foram apreciáveis. Por exemplo, os 36,2 s. de Matos Fernandes nos 300 metros e os 2 m. 40,9 s. de Joaquim Branco no quilóme-

«Taça Preparação»

da A. F. do Porto



DE CIMA PARA BAIXO: No encontro Porto-Académico. O guarda-redes do Académico lançou-se a tentar anular um remate de Lino Pacheco também ocorreu. Todos os intentos se goraram... a bola caminhou sempre mas saiu para fora. — Duas fases do jogo Salgueiros-Boavista: Na primeira o guarda-redes salgueirista tem uma saída oportuna e eficaz bem auxiliado por um dos defesas. Na segunda fase: O xadrezista Serafim chegou até à área do guarda-redes do Salgueiros, mas Soeiro mergulhou a tempo cortando o perigo. Toninho ocorreu para o auxílio

tro; na 2.ª categoria é francamente bom o resultado de Abel Silva (Lisboa) com o dardo: 44,34 e, também o lançamento do disco do leiriense Vitor Brito a 30,27. Finalmente, na 3.ª categoria, o bracarense Francisco Antunes gastou 9,7 s. nos 80 metros; Vitor Ouro, de Torres Vedras, 2 m. 58,5 s. nos 1.000 metros, e José Pereira, de Lisboa, 9 m. 39,6 s. nos 3.000 metros.

Levando em consideração a inexperience destes atletas, trazidos ao atletismo e preparados exclusivamente por intermédio da FNAT, os resultados obtidos são bastante interessantes e demonstram a eficiência do trabalho efectuado, todo em benefício da cultura física dos trabalhadores portugueses.

S. C.



A equipa do Batalhão de Sapadores Bombeiros que correu a estafeta 4x300, em 2 m., 52 s. e 6/10. Da esquerda para a direita: António Castanho, Manuel Morgado, Amaral Nabais e Manuel Cordeiro

Os Nacionais da F. N. A. T. e algumas considerações a propósito

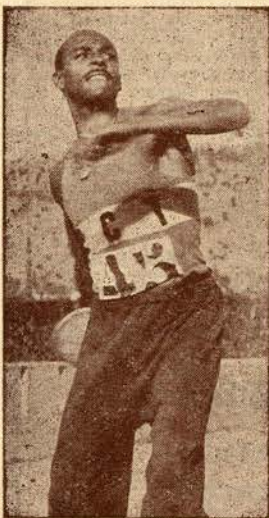
OS campeonatos nacionais dos trabalhadores, organizados, sábado e domingo, no Estádio Nacional pela F. N. A. T., decorreram com grande animação e pena foi que a chuva viesse prejudicar a sequência normal do Torneio.

Devido ao mau tempo, ficaram três concursos por realizar, mas no conjunto do concluído a superioridade geral lisboense é manifesta.

Os representantes de Lisboa ganharam todas as provas da 1.ª categoria, o que não pode



A equipa da Companhia Nacional de Navegação que disputou a estafeta 4x1000, no tempo de 12 m., 58 s. e 6/10. Da esquerda para a direita: José Pereira, Mário Ortiz, Fernando Figueira e José H. Pereira



Matos Fernandes, da Empresa Geral de Transportes, foi o atleta mais em evidência nos campeonatos nacionais da F. N. A. T.. Na prova de lançamento do disco a sua marca foi de 35^m, 21

admirar; na 2.ª categoria venceram apenas o dardo e duas estafetas; na 3.ª categoria alcançaram os títulos nos 1.000 e 3.000 metros, nos dois lançamentos e três estafetas.

As restantes provas foram ganhas: duas por Braga, duas por Leiria e quatro pelo Porto. Concorreram ainda representantes de Coimbra e Setúbal.

Assim, o mais notável deste torneio é a presença de atletas de seis distritos, ao passo que nos campeonatos federativos a luta se circunscreveu este ano aos filiados de Lisboa e a um representante da Associação Académica de Coimbra.

Parece-nos que a Federação Portuguesa de Atletismo deveria considerar este exemplo e aproveitar a existência de núcleos praticantes para conseguir o interesse dos clubes e a fundação de associações regionais. Coimbra já possui uma pista; Leiria e Braga, em breve terão as suas e há que pensar em aproveitá-las para a expansão da modalidade.

Como já dissemos, a chuva prejudicou bastante os resultados, mas mesmo assim algumas marcas foram apreciáveis. Por exemplo, os 38,2 s. de Matos Fernandes nos 300 metros e os 2 m. 40,9 s. de Joaquim Branco no quilóme-

«Taça Preparação»

da A. F. do Porto



DE CIMA PARA BAIXO: No encontro Porto-Académico. O guarda-redes do Académico lançou-se a tentar anular um remate de Lino. Pacheco também acorreu. Todos os intentos se goraram... a bola caminhou sempre mas satu para fora. — Duas fases do jogo Salgueiros-Boavista: Na primeira o guarda-redes salgueirista tem uma saída oportuna e eficaz bem auxiliado por um dos defesas. Na segunda fase: O xadrezista Serafim chegou até à área do guarda-redes do Salgueiros, mas Soeiro mergulhou a tempo cortando o perigo. Toninho acorreu para o auxílio

tro; na 2.ª categoria é francamente bom o resultado de Abel Silva (Lisboa) com o dardo: 44,34 e, também o lançamento do disco do leiriense Vitor Brito a 30,27. Finalmente, na 3.ª categoria, o bracarense Francisco Antunes gastou 9,7 s. nos 80 metros; Vitor Ouro, de Torres Vedras, 2 m. 58,5 s. nos 1.000 metros, e José Pereira, de Lisboa, 9 m. 39,6 s. nos 3.000 metros.

Levando em consideração a inexperiência destes atletas, trazidos ao atletismo e preparados exclusivamente por intermédio da FNAT, os resultados obtidos são bastante interessantes e demonstram a eficiência do trabalho efectuado, todo em benefício da cultura física dos trabalhadores portugueses.

S. C.

DECORRERAM com brilhantismo as comemorações das «Bodas de Prata» da Associação de Futebol de Aveiro. Vários actos assinalaram este momento festivo por que passa aquele organismo desportivo, aos quais assistiu o sr. director geral dos Desportos, que foi cumulado de gentilezas assim como todas as entidades convidadas, entre as quais estavam destacadas figuras do desporto regional e nacional.

Das diversas comemorações, salientaram-se a inauguração das novas instalações da A. F. de Aveiro e do Colégio Distrital de Arbitros e uma luxida sessão solene efectuada no Cine-Teatro Avenida daquela cidade.

«Aspectos da organização do futebol português» — uma palestra do dr. Tavares da Silva

Na sessão solene proferiu uma curiosa e sugestiva palestra o nosso querido chefe da redacção, dr. Tavares da Silva.

Prezidiu o sr. coronel Sacramento Monteiro, ladeado pelos srs. coronel João Pereira Tavares, comandante militar e dr. Domingos Vicente Ferreira, vice-presidente da Câmara Municipal. Nou-

Uma conferência de TAVARES DA SILVA

nas comemorações das «Bodas de Prata» da A. F. de Aveiro

tros lugares viam-se figuras marcantes da vida desportiva nacional, representantes de clubes, desportistas, etc.

A apresentação do conferente foi feita pelo sr. dr. António Cristo, presidente da assembleia geral da A. F. de Aveiro, que se referiu ao dr. Tavares da Silva — filho da região de Aveiro — focando a sua personalidade como jornalista e homem do desporto e pondo em foco a sua acção no cargo de seleccionador nacional.

Usou então da palavra o nosso chefe da Redacção. Durante largo espaço de tempo Tavares da Silva abordou vários aspectos do desporto apreciando inteligentemente muitos dos seus problemas.

Apontou com belo espirito de observação — vários casos da evolução do futebol português, referindo-se ao muito que ainda há a fazer para completa satisfação dos

interesses do futebol nacional, como o estatuto do jogador, a remodelação do campeonato nacional, assistência aos jogadores, a fórmula dos Congressos de futebol — neste caso apreciando essas antigas reuniões e a realização do próximo Congresso — detendo-se depois numa análise acerca da formação da selecção

nacional com vista ao próximo Campeonato do Mundo. O dr. Tavares da Silva evocou — a finalizar as suas palavras — a figura de Mário Duarte, prestigioso desportista aveirense.

Uma grande ovação premiou esta conferência do dr. Tavares da Silva que recebeu ainda muitas felicitações.



As «Bodas de Prata» da A. F. de Aveiro: De cima para baixo: No decorrer da inauguração das novas instalações da A. F. de Aveiro o sr. director geral dos Desportos apresenta as suas saudações. Na sessão solene no Cine Teatro Avenida, quando o sr. director geral dos Desportos falava acerca da evolução do desporto português, o nosso chefe da Redacção dr. Tavares da Silva proferindo a sua conferência

A «graça» da semana



Com este «passo» o Sporting deve chegar à «meta» com respeitável avanço...

ARCADIA DANCING DE LUXO

Formidável êxito da extraordinária parelha de baile mundano

No programa: Nicole Blanchery, Mary Mely, Lolita Bernabé, Mabel Valencia, Sara Seny, Maria Luisa, Issa Lermo, Marina del Rio, Estrellita Alcazer, Noly Navalesy

RIBER & DANTZER

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

Los Gansos Cantores e Arcádia com a vocalista Julieta Rodrigues

Apontamentos para a história do atletismo em Portugal

X — O salto em comprimento (fim)



ALVARO DIAS, o campeão da actualidade

A temporada de 1938 principiou pelos torneios escolares; Manuel Oliveira ganhou a prova de salto em comprimento no concurso naquele ano organizado pela Escola Machado de Castro, com modestos 5,^m85. Fernando Ferreira foi campeão das Escolas Secundárias com 5,^m94 e Pais Romão dos universitários com 6,^m18.

Depois vieram, sem revelações de aprecio, os concursos regionais: em Lisboa, o estreante casapiano Zeferino Ventura saltou 5,^m83 e ganha em principiantes com 5,^m77; o júnior Pais Romão com 5,^m94 e o senior Espírito Santo, do Benfica, que bate o recorde nacional com 6,^m89, seguido por M. Oliveira com 6,^m50 e Romão com 6,^m29.

No Porto: o estreante Leite com 5,^m92 e o senior Elói Tavares com 5,^m90.

Nos nacionais os resultados foram favoráveis aos lisboenses; em juniores venceu Espírito Santo com 6,^m59 e em seniores, na pista do Lima, após um duelo empolgante, Manuel Oliveira conquistou o título com 6,^m83, batendo Espírito Santo, com 6,^m42. Recordo-nos que a caixa não estava em condições e tinha no limite posterior uma tábua solta, sobre a qual o sportinguista caiu na primeira tentativa — que foi a melhor — maguando-se fortemente na caixa torácica.

O jornal «Os Sports» promoveu ainda dois concursos; o primeiro no Lima, quando da chegada dos corredores da Volta, onde Espírito Santo alcançou 6,^m23 e Elói Costa Pereira 6,^m13; o segundo em Lisboa, onde Carlos Santos transpôs 6,^m55 e Oliveira 6,^m275.

Nos anos seguintes vamos indicar apenas os resultados mais notáveis ou comentar os acontecimentos com projecção na evolução futura de especialidade.

Assim, em 1939, citaremos a vitória do casapiano Avelino Escaravana no torneio de estreantes, com prometedores 6,^m33, que infelizmente não tiveram sequência. No Porto, o melhor «novo» foi o académico M. Carvalho, que atingiu 6,^m27; é curioso notar que nenhum destes saltadores logrou boa classificação no Nacional de juniores,

ganho pelo campeão lisboeta João Barata, com 6,^m28. Escaravana não concorreu e Carvalho ficou em quarto lugar.

Nos seniores não houve renascimento; Pais Romão alcançou o título em Lisboa, com 6,^m675, e melhor marca do ano e Espírito Santo obteve a vitória no campeonato nacional com 6,^m66.

Digno ainda de registo foi o conjunto de resultados verificados no campeonato lisboense, onde, após Romão, se classificaram: Oliveira, 6,^m66; H. Costa, 6,^m52; Tomé, 6,^m39 e Barata, 6,^m34 (os dois últimos ainda juniores).

Em contraste, o campeão do Porto, J. Nogueira, saltou apenas 5,^m89.

O ano de 1940, que ficou nos anais do atletismo português como um dos melhores sob o ponto de vista de recrutamento de novos valores, trouxe-nos para o salto em comprimento algumas unidades valiosas.

Nos juniores portugueses, revelaram-se o futebalista António Marques, com 6,^m47, o eclético Edgard Tamegão com 6,^m43 e o bracarense Bastos Machado, com 6,^m40; nos juniores lisboetas venceu Matos Fernandes com 6,^m325.

É extraordinário registar que nos nacionais de categoria nenhum destes homens se encontrou e veio a vencer o casapiano Tomé, com 6,^m125 apenas.

A melhor marca do época pertenceu a Carlos Santos, vencedor no campeonato de Lisboa com 6,^m71; nos seniores do Porto triunfou Bastos Machado, com 6,^m57, vindo depois a obter o segundo lugar no Nacional, com 6,^m41, batido por Guilherme Espírito Santo, com 6,^m66.

Em fins de Agosto, o Benfica recebeu a visita do Sindicato Espanhol Universitário, de Madrid, e Espírito Santo venceu mais uma vez com 6,^m62, seguido pelo madrilenho Navarro, 6,^m445 e por Pedro Vasconcelos, 6,^m43.

Na temporada imediata confirmaram-se as revelações de 1940, com essentuada superioridade da parelha portuense, favorecida ainda pela retirada de Espírito Santo.

António Marques venceu o nacional de juniores, batendo o recorde de categoria com 6,^m58, foi segundo no regional nortenho de seniores com 6,^m71 e campeão nacional com 6,^m44; venceu ainda o Porto-Lisboa com 6,^m60.

Edgard Tamegão, no regional do Porto, conseguiu igualar o máximo nacional com 6,^m89, mas o seu melhor resultado imediato é de 6,^m42, no encontro inter-regional.

A melhor marca sudista foi de Henrique Costa, com 6,^m55 neste

mesma compellção; o campeão de Lisboa foi Pedro Vasconcelos, com 6,^m21.

Resumamos ao essencial a actividade destes últimos anos; em 1942, a prova de principiantes é ganha em Lisboa por um rapaz que fez carreira: Luís Alcide, que apenas alcança 6,^m, mas volta a vencer no regional e no nacional de juniores, respectivamente com 6,^m22 e 6,^m28.

No Porto, também o campeão de juniores foi um futuro atleta célebre, embora mudasse de especialidade: Sampaio Peixoto, com 6,^m26.

O melhor saltador da temporada foi António Marques, campeão do Porto com 6,^m85 e nacional com 6,^m68; de ambas as vezes Tamegão foi segundo, com 6,^m70 e 6,^m62.

Em Lisboa, o campeão foi de novo Manuel Oliveira com 6,^m20, terceiro no nacional com 6,^m29.

Em 1943, o estudante de medicina Mota Cepião bateu o recorde universitário com 6,^m41 resultado de que nunca mais se aproximou. Em Coimbra, num concurso organizado no programa de festas de Queima das Fitas, com a presença de atletas sportinguistas, o académico Abreu Lima alcançou 6,^m42, batendo Alvaro Dias por dois centímetros, mas a pista de corrida para a caixa era sensivelmente em declive.

Começa nesta data o reinado de Alvaro Dias, o nosso saltador de classe internacional; ganha os estreantes com 6,^m16, principiantes com 6,^m31, regional e nacional de juniores com 6,^m27 e 6,^m45, regional e nacional de seniores com 6,^m47 e 6,^m30.

O concorrente que mais se lhe aproximou foi João Mendonça com 6,^m39.

A F. N. A. T. iniciou neste ano a organização em larga escala dos seus campeonatos nacionais, com a participação dos núcleos de Lisboa e Porto, aos quais vão juntar-se, nos anos seguintes, Coimbra, Braga, Leiria e Setúbal. O vencedor em 1943 foi o conhecido futebalista e bombeiro, Francisco Lopes, com 6,^m13.

Em 1944 o salto em comprimento revela dois estreantes; José Vicente, que veio a ser internacional em 400 e 800 metros, com 6,^m40 e Homero Reis, com 6,^m27, este segundo depois campeão de principiantes, regional e nacional de juniores com o melhor marca de 6,^m45.

Tamegão ganhou no Porto com 6,^m56 e, naturalmente, Alvaro Dias em Lisboa com 6,^m78 — seguido por António Marques que mudou de região, com 6,^m76 —; no nacional com 6,^m95, novo recorde português e no festival organizado no Porto pela Federação, com 6,^m89.

No Nacional classificaram-se depois, pelo ordem: Tamegão, 6,^m88, Marques, 6,^m64 e Alcide 6,^m58.

1945 fica assinalado porque, enfim, se atingiram os sete metros.

No campeonato regional Alvaro Dias atingiu 6,^m99, e no nacional, 7,^m09 (segundo homem, Guilherme Espírito Santo com 6,^m58). Em Setembro, numa prova de preparação para o encontro com a Espanha, Tamegão alcançou também 7,^m075.

Finalmente, no match Portugal-Espanha os portugueses dominaram, mas Dias sofreu a sua primeira derrota: Tamegão, 6,^m965, Dias, 6,^m79.

Em 1946, ano de estagnação, e notar a visita de atletas espanhóis ao Porto, sendo Tamegão, 6,^m71, batido por Valhorrat, 6,^m82.

Campeão regional, na ausência de Dias, João Vieira com 6,^m74; campeão nacional, Alvaro Dias, com 6,^m88.

Finalmente, na época de 1947, surgem dois novos de classe: Gabriel Dores bate o recorde dos principiantes com 6,^m53 e Aguiar da Câmara o dos juniores com 6,^m735.

Alvaro Dias, em franco progresso, saltou 7 metros em Madrid, no encontro inter-regional; 7,^m055 e 7,^m04 no campeonato regional; 7,^m08 no festival de preparação no Estádio do Lima e, no match contra a Bélgica, sucessivamente, 7,^m115-7,^m12-7,^m06-7,^m34-7,^m15.

Para fecho, a lista dos dez melhores portugueses após o tempo de 1948: Alvaro Dias, 7,^m34 (897 p. finlandeses); Edgard Tamegão, 7,^m12 (836 p.); Aguiar da Câmara, 7,^m08 (825 p.); João Vieira, 7,^m (804 p.); Luís Alcide Garcia, 6,^m985 (799 p.); Guilherme Espírito Santo, 6,^m89; António Marques, 6,^m85; Fernando Matos Fernandes, 6,^m84 (762 p.); Manuel Oliveira, 6,^m83 e José Carvalhosa, 6,^m80.

SALAZAR CARREIRA

Recomeçamos neste Número a publicação dos «Apontamentos para a história do atletismo em Portugal», da autoria do sr. dr. Salazar Carreira, verdadeira autoridade na matéria, cuja publicação esteve interrompida durante algum tempo. Trata-se de um trabalho completo que os nossos leitores muito apreciam e que temos o maior prazer em dar a conhecer a todos que se interessam pelo atletismo.

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

AS travessias aquáticas de longo curso estão em moda. Sem falar da Mancha, cuja celebridade já se tornou lugar comum, e é sempre uma aventura de tomo, outras digressões demoradas pelo elemento líquido recebem o favor dos nadadores infatigáveis, sedentos de glória.

O nadador italiano Aldo Fioravanti resolveu ir de Nápoles até à fronteira ilha de Cápri, tão celebrada pelas suas belezas naturais e distante cerca de 34 quilómetros. Utilizou, para melhor facilidade de progressão, as exóticas «barbatanas de borracha», nome por que se tornaram conhecidos uns utensílios flexíveis, imitadores das caudas dos peixes, e aplicáveis aos pés dos nadadores.

Fioravanti gastou 12 horas e 55 minutos na travessia, melhorando o tempo doutro cidadão italiano, Gambi, que há três meses o havia precedido — sem barbatanas — em 16 horas.

O trajecto, além de bastante longo, oferece o perigo de encontrar vorazes tubarões, porquanto eles aparecem, esporadicamente, na zona percorrida.

O valor desportivo de tentativas no género da que mencionamos nem sempre é de igual quilate. A Mancha, por exemplo, com as suas águas revollas, a feição das correntes, as brumas e outras particularidades, apresenta-se como o Gigante Adamastor dos audaciosos.

Mas a primeira condição a impor seria a da vigilância oficial destas proezas. Geralmente entregue a pessoas entusiasmadas, mas insuficientemente conhecedoras do papel que lhes cabe, a confiança na regularidade dos feitos é muito condicional.

«Exagerar» o apoio aos nadadores, tornando-lhes — a meio do percurso — utensílios de flutuação, reboque, etc., não é caso virgem.

Eis porque algumas realizações do género «bacalhau de molho» deveriam ser dirigidas pelas Federações Nacionais de Natação dos países onde a partida se efectua, a fim de garantir a verdade dos resultados — tanto no tempo consumido como na marcha das provas.

DE vez em quando, chegam ao conhecimento dos habitantes do Sul da Europa, trazidos do Norte como lufadas de ar frio, rumores de escândalos e agravos praticados contra o amadorismo puro.

Ainda se não deliram da memória de muitos as irradiações macionais de vários atletas suscos e finlandeses, ocorridas há quatro anos, levando, à vida privada de meros espectadores, figuras tão admiradas como Gundar Haege e Arne Anderson, por exemplo.

Agora surgiu outro escândalo de tomo à roda de um esquiador de primeira ordem e a fachada respeitável da sua brilhante carreira ameaça desmoronar-se a prumo.

Amadorismo, profissionalismo — dois temas de eterna controvérsia. Longe de nos inclinarmos contra um ou outro, julgamos melhor reconhecer as vantagens dos dois sistemas e tirar o melhor partido possível para benefício do género humano.

Há, todavia, um aspecto francamente desagradável: o do amadorismo fingido, que não enfrenta a sua própria efígie. Por ironia dos factos, são precisamente os países de maior cultura e não os de atraso social aqueles em que pulula, com maior facilidade, o verme da decomposição e onde medidas drásticas em massa se tomam para acudir à favor da ética.

Haverá alguma correlação entre ambos os fenómenos? Aqui deixamos, aos estatísticos, um problema digno de um pouco de reflexão.

RAFAEL BARRADAS

Ciclismo

A Volta à Catalunha, última corrida internacional deste género, está em curso pela 29.ª vez.

A sexta tirada decorreu sob fortes aguacelos, que originaram vários desastres e desistências.

Dos 114 concorrentes que, inicialmente, saíram de Barcelona para participarem na prova, só alinharam 75 em Seo de Urgel e destes foram desclassificados seis.

O espanhol Poblet ganhou a etapa (121 km.) em 4 h. 6 m. 28 s., seguido do francês Menou.

A sétima tirada, entre Manresa e Reus,

Golfe

O desporto do ar livre por excelência entrou na época própria. Os Estados- Unidos ganharam à Grã-Bretanha, mais uma vez, a Taça Ryder, por 7 vitórias a 3.

a mais extensa do percurso (207 km.), voltou a ser ganha por Poblet, em 5 h. 53 m. 41 s., ficando em segundo e terceiro lugares os franceses Desparts e Rol.

A classificação geral, nesta data, é a seguinte: 1.º Rol; 2.º Desparts; 3.º Poblet.



Sam Bartram, o popular e acrobático guarda-redes do Charlton, no momento de executar uma decisiva intervenção a tóco, apesar da presença de um perigoso adversário do seu clube

Ténis

Realizou-se em Vigo o encontro Espanha-Suíça. Participaram nele, pelo lado espanhol, Massip, Bartróli e Luis Carles; pelo lado helvético, Hounder, Blondel e Albrecht.

No primeiro dia, Carles perdeu com Hounder mas Massip despachou Albrecht; no segundo, Carles derrotou este último; no terceiro, a parella Massip-Bartróli dispôs de Hounder-Blondel; no último, os espanhóis derrotaram os suíços em dois desafios singulares.

◆ O campeonato internacional da Califórnia, disputado em Los Angeles, confirmou as classificações do campeonato dos Estados Unidos, há pouco celebrado em Forrest-Hills. Ficaram apurados semifinalistas Ted Schroeder, Frank Parker, Pancho Gonzales e Eric Sturgess, tal qual como no torneio precedente.

Futebol

A Inglaterra mostra-se preocupada com os próximos desafios internacionais do seu grupo representativo, cuja estrela contra os seleccionados da Irlanda foi decepcionante.

De facto, o onze inglês exibiu-se mal no Goodison Park, de Liverpool, e perdeu por 2-0 contra um grupo esforçado do qual pouco se esperava. Por sua vez uma selecção dinamarquesa, sem o rótulo de equipa nacional, exibiu-se em Londres, sendo oficialmente batida por 6-2.

Atletismo

A temporada de verão dos desportos atléticos está prestes a findar. Mesmo assim, alguns desafios internacionais devem celebrar-se antes de fim de mês, em particular o primeiro encontro Noruega-França.

Em Zagreb, a equipa nacional suíça foi amplamente vencida pela turma sudestrela, cujos componentes ganharam as corridas planas, sem excepção, e todos os lançamentos! A Suíça apenas triunfou nas provas de barreiras, nos saltos em altura, vara e triplo, totalizando 74 pontos contra 127 dos sudestrelas.

Scheurer, grande saltador de vara, melhorou o recorde helvético, com 4m.23, que fica sendo dos melhores resultados europeus.

Os resultados dos lançamentos são dignos de registo, também. Assim, por exemplo, os 12m.25 do peso; os 48m.96 do disco; os 66m.45 do dardo e os 86m.85 do martelo, não se realizam todos os dias e muito menos nos países balcánicos. Outrotanto diremos acerca dos tempos de 800 metros (1.53,9), de 1.500 metros (5.57) e de 5.000 metros (14.42) que provam o desenvolvimento da Sudestrela e a qualidade do seu atletismo.

◆ O encontro França-Noruega disputou-se em Oslo, no dia 22 do corrente. Apesar dos progressos evidentes dos atletas nórdicos e da prática sucessiva de competições contra outros países es-

Boxe

Alguns resultados ocorridos durante a última semana:

◆ Nos Estados Unidos, onde a actividade pugilística recrudescceu, Willie Bep, campeão mundial de «semi-leves», jogou em Waterbury contra Eddie Campo, que lhe opôs escassa resistência, levando o árbitro a suspender as operações.

◆ Livio Mivelli, actual campeão da Europa de «semi-médios», exibiu-se em Nova Orleães, sendo derrotado por pontos, em 10 assaltos. O público discordou do veredicto do árbitro e manifestou o seu desagrado contra Bert Linam, vencedor do combate.

◆ Tami Mauriello, o volumoso peso-pesado que mediu forças com Joe Louis, foi derrotado por Joe Dominio, em 10 rds., na cidade de Holyoke (Massachusetts).

◆ Na Austrália faleceu o conhecido pugilista Anchie Kemp, em consequência do castigo que sofreu ante Jack Hassen, um demolidor perigoso e infatigável.

◆ Em Coventry (Inglaterra) o formidável golpeador Randolph Turpin venceu por K-O técnico, ao 6.º assalto, o canadiano Roy Vouters.

◆ Jimmy Kenny, actuando em Glasgow, liquidou as pretensões do belga Jérôme Galloo, vencendo-o por knockout técnico ao 7.º assalto. Na mesma sessão, o levisíssimo Emilio Famechon perdeu ante Deter Keanan, desqualificado no 7.º assalto, também.

◆ Em Swansea, o semi-médio Thiff Curvis derrotou por pontos o campeão da Holanda, Jop Roos.

◆ Finalmente, o franco-polaco Doliasch perdeu, outra vez mais, em frente de Tibério Mitri, campeão da Europa de médios. O desafio realizou-se em Florença.

canadáinos, os franceses arrancaram o triunfo, por 123 pontos a 90.

Durante o torneio, o corredor de fundo Alain Mimoun conseguiu melhorar o recorde dos 10.000 metros, fazendo 29 minutos e 53 segundos, que o consagram como dos primeiros fundistas da actualidade.

◆ A Turquia e a Austria, em Istambul, por 22 pts. a 90. O melhor resultado foi o do lançador Pektov (austriaco) arrojando o dardo a 66m.81.